

OBVIEDADES E INCERTEZAS

Roberto Rodrigues*

Começo de mais um ano, e para variar surgem por todos os lados avaliações de como foi o ano passado e previsões sobre o novo.

O setor rural não apresenta grandes novidades: dependendo ainda de como vai correr o tempo, teremos uma safra de grãos parecida com a de 2017, um pouco menor por causa da demora do início das chuvas, com custos ligeiramente superiores e preços ligeiramente inferiores. Mas tudo isso pode mudar em função do câmbio, da China, da oferta dos outros países do hemisfério sul e do comportamento do clima no Norte. Como sempre, algumas culturas terão resultado superior aos de anos passados, e outras darão menor retorno. Tudo muito óbvio...

Mas há uma tendência de margens menores para os produtores rurais, o que recomendaria um certo cuidado com decisões sobre investimento: vale a pena esperar pelo menos o primeiro quadrimestre para ver como as coisas andarão. Parece recado do Conselheiro Acácio, mas, como se diz na roça, caldo de galinha não faz mal a ninguém.

No cenário sobre as regras de comércio internacional, mais uma vez não se avançou na reunião da OMC de dezembro passado em Buenos Aires. Ninguém abre mão de nada. Parece até a discussão sobre a Reforma da Previdência no Brasil: todo mundo sabe que o país precisa desesperadamente disso para tentar ainda (é isso mesmo, ainda, na condicional) encontrar o caminho do desenvolvimento social e econômico, mas o assunto não avança por causa de interesses setoriais muito menores que os nacionais. A abertura do comércio agrícola mundial, buscado pela Rodada de Doha da OMC desde o ataque às Torres Gêmeas há 16 anos, por mais que todos os governantes saibam que será a chave mestra para o crescimento dos países emergentes, também não sai do lugar devido ao protecionismo já intolerável dos ricos.

Bem, mas voltando ao campo de 2018, o que há de novo, não dá para ignorar, é a explosão das tecnologias assim chamadas disruptivas, que terão impacto sobretudo na gestão das fazendas. É a internet das coisas, é máquina conversando com máquina, colhedeira colhendo sem operador, big data, inteligência artificial, um tsunami de inovações pequenas e grandes cujo conjunto vai produzir resultados ainda incertos. Mas uma coisa é certa: quem puder apreender tudo o que vier nesse segmento sairá na frente, "beberá água limpa", como também dizemos no interior. E quem não acessar os conhecimentos poderá ficar para trás. Pior: quem incorporar as inovações deverá reduzir custos de produção, o que, como sempre, tem dois sinais trocados: no começo, estes "early birds" ganharão dinheiro, mais do que aqueles que não o fizeram. Mas num

segundo momento, os preços cairão, e aí quem não alcançou os avanços perderá renda, o que levará a uma perigosa e indesejável concentração setorial.

Outro segmento que deverá experimentar saltos interessantes é o da agroenergia.

Depois do desastre do governo passado, o RenovaBio, aprovado no apagar das luzes de 2017, dá uma nova injeção de ânimo aos investidores, com boa previsibilidade quanto ao longo prazo. Tanto o etanol quanto o biodiesel, a bioeletricidade e as biorrefinarias terão uma nova chance, inclusive alavancando os compromissos assumidos pelo país na COP 21, de reduzir as emissões de gases de efeito estufa em favor da mitigação das mudanças climáticas. E aqui é bom prestar atenção no milho como matéria prima para etanol.

Por fim, mais uma obviedade: eleições presidenciais, no clima de incerteza que estamos vivendo, sempre criam mais incertezas. Veremos como isso termina.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio.**